

Hipertextualidade e gêneros da divulgação científica na internet

*Flávia Silvia Machado Ferraz**

Este artigo apresentará os resultados da pesquisa de mestrado anterior cujo alvo foi o estudo de gêneros da divulgação científica na internet, a saber, artigos e reportagens. Os principais objetivos da pesquisa foram: *i)* observar a ocorrência e função do *link* eletrônico em diferentes gêneros discursivos, *ii)* bem como verificar as relações dialógicas estabelecidas por eles. A observação das remissões dialógicas no hipertexto digital levou a uma definição de hipertextualidade como um modo particular de instância dialógica. Segundo a análise, o hipertexto poderia ser considerado uma forma de dialogismo explícito no enunciado, articulado pelo nó eletrônico. Foi observado também que tais relações dialógicas funcionam de maneira diferente de acordo com os elementos constitutivos de cada gênero.

PALAVRAS-CHAVE: círculo Bakhtin, dialogismo, gêneros digitais, link eletrônico e hipertextualidade.

Introdução

A FIM DE VERIFICAR a articulação dos enunciados com os elementos e mecanismos da linguagem digital, o presente artigo visa apresentar os resultados da investigação feita a partir de gêneros de divulgação científica, artigos e reportagens, veiculados em um site brasileiro chamado *Com Ciência*, sob a luz da teoria do Círculo de Bakhtin.

A tecnologia digital de armazenamento de dados, favorecida pelo advento da internet, gerou novas perspectivas para os estudos sobre gêneros

* Universidade de São Paulo (USP).

e enunciado. No entanto, em face das muitas questões trazidas pela internet, dentre as quais se pode destacar a sua permanente interatividade entre os indivíduos e a velocidade de acesso à informação, a migração de gêneros que pertencem a veículos impressos foi a principal preocupação desta pesquisa. Considerando que a comunicação verbal é feita através de gêneros do discurso em diferentes esferas da atividade humana e que a tecnologia é um fator de grande influência na constituição da língua, o presente estudo propõe a discussão de como é articulado o discurso de divulgação científica na internet, especificamente nos gêneros artigo e reportagem, por meio das relações dialógicas hipertextuais estabelecidas com o uso de *links* eletrônicos. Logo, a pergunta de pesquisa que direcionou a análise foi: *como a divulgação científica (DC) é constituída nos gêneros artigo e reportagem através das relações dialógicas estabelecidas por links eletrônicos?*

Assim, os objetivos específicos da pesquisa foram: *i)* verificar as relações dialógicas hipertextuais estabelecidas pelos links eletrônicos nos gêneros escolhidos, e *ii)* elencar os diferentes tipos de remissão hipertextual encontrados, bem como estabelecer as suas funções.

Com base na teoria do Círculo de Bakhtin, os princípios conceituais aplicados diretamente ao *corpus* são as noções de dialogismo e gênero discursivo. A partir da compreensão das relações dialógicas no hipertexto digital, foi possível examinar as relações remissivas estabelecidas pelos links eletrônicos.

Os *links* encontrados no *corpus* foram selecionados e divididos em três níveis distintos de remissão, considerando a hipótese de que esses vários planos seriam relevantes para o estudo dos dados. A primeira etapa da análise procurou verificar a ocorrência de diferentes tipos de remissão presentes nos enunciados. Em seguida, esses foram analisados de acordo com as características de cada gênero.

Este artigo está organizado de modo a desenvolver brevemente o conceito de dialogismo e gênero discursivo, de acordo com a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e, em seguida, apresentar o *corpus* e a análise proposta. Assim, procuraremos mostrar os resultados que levaram à hipótese de uma modalidade distinta de relações dialógicas, a hipertextualidade.

Por uma abordagem dialógica da hipertextualidade

A teoria bakhtiniana constitui-se, sobretudo, como uma teoria dialógica da linguagem. Assim, como define Brait (2006), “o conjunto das obras do Círculo [de Bakhtin] motivou o nascimento de uma análise / teoria dialógica do discurso” (2006:9-10). A própria questão da autoria das obras do Círculo de Bakhtin reflete este modo de conceber a linguagem, uma vez que as categorias conceituais ali forjadas foram fruto da discussão e do pensamento de vários estudiosos, tais como o próprio Bakhtin, Volochinov e Medvedev, e de suas obras.

A noção de dialogismo representa a base de sustentação para os desdobramentos da teoria bakhtiniana, sendo que todas as categorias conceituais formuladas no âmbito desta teoria, tais como enunciado, processo enunciativo, gêneros discursivos, entre outros, convergem para esta concepção dialógica da linguagem.

A fim de desenvolver a noção de dialogismo, faz-se necessário compreender o que o Círculo considera como realidade fundamental da linguagem: a interação verbal. Trata-se do percurso sócio-histórico dos enunciados e configura-se assim dialogicamente, indo além do diálogo face a face, uma vez que “o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal” (Bakhtin/Volochinov, 1929/2004:123). Ou seja, conforme diz o texto em *Marxismo e filosofia da linguagem*, o caráter dialógico da língua, presente no processo de interação verbal, está contido na “essência” de cada enunciado.

[...] the actual reality of language-speech is not the abstract system of linguistic forms, not the isolated monologic utterance, and not the psychophysiological act of its implementation, but the social event of verbal interaction implemented in an utterance or utterances [Bakhtin/Volochinov, 1929/1986:94].

Bakhtin afirma que o enunciado faz parte de um mundo de relações inteiramente dialógicas e não apenas constitui-se como um nível superior ao da sintaxe como “unidade do nível último e superior ou andar da estrutura da língua” (Bakhtin, 1952-53/2003:332). Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1929/2004) fala sobre a capacidade dialógica do enunciado.

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polémica com elas, conta as reações ativas da compreensão, antecipa-as [Bakhtin, 1929/2004:98].

Nesta mesma obra, Bakhtin ressalta que as relações dialógicas são extralingüísticas ao mesmo tempo em não podem ser separadas da concretude da língua. “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas” (1929/1993:183). Ou seja, as relações dialógicas são impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria.

O dialogismo configura-se como um conceito amplo que, num primeiro momento, pode ser entendido como a relação entre “enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (*Os gêneros do discurso*, Bakhtin, 1952-53/2003:323) pertencentes a um mesmo plano de sentido. Segundo Bakhtin,

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos lingüísticos), acabam em relação dialógica [1977/2003:323].

O aspecto dialógico está instaurado não somente na relação da língua com as coisas do mundo, ou somente na relação entre os seus interlocutores, mas também, na relação discursiva entre os enunciados. Isto é possível pelo fato de o enunciado ser dotado de um todo de sentido que lhe foi conferido sócio-historicamente, além do aparato lingüístico-textual que o sustenta. Por isso, as relações dialógicas são relações semânticas.

Nas obras do Círculo de Bakhtin, vê-se que o dialogismo se constitui de diversas maneiras. De modalidades do diálogo cotidiano a enunciados impressos (tal como um livro que pode ser comentado, resenhado ou transformado em objeto de estudo científico), as relações dialógicas podem ser estabelecidas por meio de qualquer forma de interação verbal.

Para finalizar, pode-se considerar que todo o processo de enunciação é dialógico, pois retoma elementos que já foram concretizados anteriormente

e ‘prepara o terreno’ aos novos enunciados concretos que cada nova situação sócio-histórica fará emergir na língua. Ou seja, “cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (Bakhtin/Volochinov, 1929/2004:77).

Tendo o dialogismo como um ponto de partida para esta investigação, a noção de hipertextualidade proposta por Ferraz (2007) reflete o diálogo entre os vários enunciados articulados pelos *links* eletrônicos. A hipótese apresentada neste artigo é a de que o processo estabelecido pela remissão ligações é uma instância no nível das relações dialógicas.

Gêneros discursivos e a tecnologia digital

A comunicação verbal somente se realiza por meio da produção de enunciados concretos que fazem parte de alguma esfera da comunicação discursiva. De acordo com Grillo (2006), as esferas

[...] dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre um terreno comum da linguagem. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros [Grillo, 2006:147].

Em cada esfera da atividade humana, surgem enunciados que refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (Bakhtin, 1952-53/2003:279). As diferentes esferas, por sua vez, comportam os gêneros discursivos, sem os quais a comunicação verbal não pode ser estabelecida. “Cada esfera social cria seus tipos relativamente estáveis de enunciado” (Bakhtin, *idem*).

Todo enunciado, em sua modalidade escrita ou oral, obedece às coerções do gênero discursivo e, conseqüentemente, da esfera de que fazem parte. O enunciado em suas diferentes formas [relativamente] estáveis e típicas, ao contrário das formas da língua –em sua estabilidade, coerção e normatividade– estabelecem diferentes gêneros do discurso.

A fim de que as condições e as finalidades suscitadas por cada esfera sejam concretizadas na superfície da língua, os enunciados, ou melhor, os tipos relativamente estáveis de enunciados, obedecem à recorrência de três fatores estruturais básicos que compõem os gêneros discursivos: o estilo, o conteúdo temático e a forma composicional. Assim, os gêneros discursivos correspondem à concretização da língua em diferentes situações sociais mediante ao processo de interação verbal.

Em seu texto dedicado à questão dos gêneros, Bakhtin define os seus elementos constitutivos:

[...] todos esses três elementos –o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional– estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominamos gêneros do discurso [Bakhtin, 1952-53/2003:261].

Os três elementos que constituem os gêneros discursivos –conteúdo temático, estilo e forma / construção composicional– são complementares entre si e apresentam especificidades provenientes de cada esfera em que estão inseridos. Esses fatores conferem aos enunciados o seu caráter estável.

O conteúdo temático pode ser considerado como a própria forma de apreensão da realidade por meio dos gêneros discursivos. Participam de sua construção tanto elementos estáveis da significação quanto elementos extraverbais que integram a situação de produção, recepção e circulação (Cereja, 2005).

O segundo componente dos gêneros do discurso a ser discutido é o estilo. Este refere-se à individualidade de expressão de cada sujeito presente no enunciado, por meio da seleção dos recursos lexicais e sintáticos de um sistema lingüístico. Segundo Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, “o enunciado –oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal– é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (1952-53/1979/2004:283).

Bakhtin aponta a existência não somente do estilo individual do falante, mas também considera o estilo próprio de cada gênero discursivo. “Em cada

campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (1952-53/2003:266). Ambos os estilos, os individuais e os da língua, satisfazem aos gêneros discursivos.

O último elemento do gênero discursivo a ser definido é a forma composicional, que diz respeito ao tipo de estruturação que um enunciado assume de acordo com o gênero ao qual pertence. A forma composicional está ligada a uma “forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”, segundo Bakhtin (1952-53/2003: 301) e pode ser considerada o seu elemento mais característico.

A forma composicional é a concretização de uma forma arquitetônica que se vincula diretamente ao objeto estético. Enquanto o objeto estético dotado de sentido é criado no nível arquitetônico, a forma composicional se integra a ele de maneira constitutiva. Segundo Sobral (2005:112), a forma composicional “é o modo específico de estruturação da obra externa a partir de sua concepção arquitetônica”.

Ao lado de gêneros que não só se apropriaram, mas também potencializaram a tecnologia da informática, como *e-mail*, *blog*, etc., como classificar os gêneros os artigos e reportagens da *Com Ciência*, uma vez que preservam características de gêneros da mídia impressa?

Considerar-se-á que, mesmo ocorrendo em veículos de comunicação impressos, no ambiente eletrônico, artigo e reportagem tornam-se *gêneros digitais*. A diferença entre artigos e reportagens impressas e digitais está exatamente na tecnologia utilizada que oferece, aos gêneros digitais, possibilidades específicas para que eles se desenvolvam.

Todo conteúdo armazenado e processado em um computador é considerado digitalizado. Isto ocorre uma vez que sua codificação depende de dígitos, ou seja, números. Levy (1999) afirma que “digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números”. Por isso os artigos e reportagens da *Com Ciência* podem ser considerados digitais. Tais gêneros preservam as características de suas categorias constituintes, estilo, conteúdo temático e forma composicional, da mídia impressa, ao mesmo tempo em que utilizam os recursos da tecnologia digital, como *links* eletrônicos, hipertexto digital, sons e imagens.

Metodologia, corpus e análise

O *corpus* foi constituído pelos gêneros artigo e reportagem de divulgação científica a partir de um site chamado *Com Ciência*. A escolha pelo *Com Ciência* deu-se por dois motivos importantes para a averiguação das hipóteses lançadas nesta pesquisa. Primeiramente, trata-se de uma revista de divulgação científica exclusivamente eletrônica, ou seja, diferentemente de revistas impressa como *Superinteressante*, *Ciência Hoje* e *Revista Fapesp*, o *Com Ciência* não possui uma versão impressa. Em segundo lugar, a revista existe desde 1999 –o que se trata de longo tempo em termos de internet– e possui preocupação em realizar um trabalho de divulgação com respaldo institucional, no caso o Laboratório de Jornalismo (Labjor), da Unicamp.

O *site* utiliza este conjunto de gêneros discursivos para tratar de temas diversos do campo científico e constitui, ao lado das modalidades de gêneros supracitadas, os chamados ‘dossiês’. Cada dossiê, também intitulado *Reportagem Especial*, conta com a participação de pesquisadores e cientistas da área em questão para a composição de artigos e de jornalistas para a composição das reportagens. Trata-se de uma série de textos, formatados em gêneros discursivos diferentes (em maior incidência artigos e reportagens) que abordam um mesmo assunto da ciência em comum. Os três dossiês temáticos escolhidos tratam dos seguintes tópicos: Energia Nuclear (2000), Clonagem (2002) e Células-tronco (2004).

A análise do *corpus* foi dividida em dois momentos. O primeiro teve como objetivo selecionar os diferentes níveis em que as remissões hipertextuais ocorrem no *corpus*. Ao observar a presença de *links* eletrônicos e suas funções, também foi possível verificar o tipo de pagamento que tenham constituído na dicção. Em seguida, verificou-se a disposição e a utilização dos *links* eletrônicos, bem como a sua produtividade em cada um dos gêneros selecionados.


Remissões hipertextuais: dialogismo e link eletrônico

As remissões eletrônicas encontradas no *corpus* selecionado foram divididas em três níveis distintos de remissão. A saber:

- i) Remissão hipertextual entre enunciados pertencentes aos dossiês que compõem as reportagens especiais mensais. Ou seja, dois enunciados interligados e que fazem parte de um mesmo dossiê;
- ii) Remissão hipertextual de enunciados do dossiê a textos de outras seções do *site Com Ciência*;
- iii) Remissão de enunciados do dossiê a enunciados de outros sites.

De acordo com a tabela abaixo, é possível observar o movimento a partir de um enunciado a outro, por meio do *link* eletrônico, tendo como exemplo o primeiro dossiê analisado, *Energia Nuclear* (2000).

TABELA 1
Dinâmica de remissão no dossiê Energia Nuclear (2000)

Tipos de remissão	Site Com Ciência		Outros sites Escopo C
	Dossiê Energia Nuclear Escopo A	Outras seções do site Escopo B	
(1)	ENUNCIADO A ENUNCIADO B 		
(2)	ENUNCIADO A	ENUNCIADO B	
(3)	ENUNCIADO A		ENUNCIADO B

A remissão do tipo (1) foi encontrada nos casos em que o *link* eletrônico relaciona um enunciado A (sempre originado no dossiê temático) a um outro fragmento ou enunciado B do mesmo dossiê. Ambos os enunciados fazem parte do escopo (A). O segundo tipo de remissão (2), revelou a relação entre enunciados do mesmo dossiê a outros pertencentes a diferentes seções da revista eletrônica. Ou seja, há uma ligação entre escopo (A) e escopo (B). Finalmente, o último tipo de remissão (3) relaciona um enunciado do dossiê a um texto de outro *site*, em que o escopo (C) é externo.

Os *links* possuem diferentes funções de acordo com a linha editorial e tratamento dado a cada assunto. Observou-se que o uso dos *links* em remissão interna na série sobre *Energia Nuclear* é maior que os outros tipos de remissão. Pode-se atribuir isto ao fato de que a publicação assumiu um posicionamento favorável em relação aos benefícios da energia nuclear, assunto que ainda é alvo de muitas discussões no Brasil. Para que o leitor reflita positivamente sobre a questão, faz-se com que ele seja guiado por meio dos *links* internamente. Já, os *links* que se referem a sites externos são geralmente utilizados para apresentar posições contrárias à linha editorial do *Com Ciência*.

O dossiê sobre *Clonagem* traz uma visão geral do assunto tratado, uma vez que não há consenso sobre esta prática, sobretudo na esfera científica. Logo, a escolha dos *links* que se referem a sites externos cumprem a função de oferecer aos leitores informações de várias esferas (científica, religiosa e política), o que atribui maior credibilidade ao *site*. Em ambos os dossiês, há uma referência a diferentes posicionamentos em diferentes esferas.

O editorial do dossiê sobre *Células-tronco* elabora uma sanção favorável ao desenvolvimento das pesquisas nesta área, trazendo exemplos de sua aplicação na agricultura do país. No entanto, o uso dos *links* refletiu que ainda havia a necessidade de maior discussão sobre a questão antes que se assumisse uma posição, ao contrário da tomada de posicionamento que a revista teve no caso da energia nuclear. A grande incidência de *links* externos pode ser explicada pela necessidade de se chamar mais vozes concordantes neste caso. Este fato aproxima o dossiê de 2004 ao anterior.

Os *links* eletrônicos assumem diferentes funções discursivas no enunciado e varia de acordo com o gênero e suas categorias constituintes. Se o objetivo é inserir uma idéia de concordância, geralmente, os *links* são articulados de modo a remeter a outros enunciados favoráveis. Caso não haja um consenso sobre o assunto em questão na esfera científica ou na sociedade, o *site* emprega *links* para o confronto de vozes.

De acordo com a análise, constatamos que as remissões hipertextuais internas ao *site* estabelecem relações de concordância com uma tendência monofônica. Em condições de remissão interna, os *links* ocupam diferentes funções, tal como explicar, ilustrar, mostrar estatísticas e fatos históricos, ou complementar informações dadas. As remissões hipertextuais externas encontradas marcam posições em confronto. Neste caso, há uma abertura à presença de outras vozes, com distinção na apreciação de valores.

TABELA 2
Função dos links encontrados em cada dossiê

Tipo de remissão	Energia Nuclear (2000)	Clonagem (2002)	Células-Troncos (2004)
(1)	Títulos e subtítulos, termos científicos e indicadores de sequência;	Títulos e subtítulos e termos científicos;	Títulos e subtítulos; termos científicos; e notas de referência;
(2)	Nomes de filmes ou pessoas;	Termos científicos e nomes de filmes ou pessoas;	Não houve ocorrências;
(3)	Nomes de autores e instituições;	Publicação, termo científico, nome de autores e instituições, outros sites;	Publicação, termo científico, nome de instituições, outros sites;

Gêneros digitais e links eletrônicos

Os gêneros artigo e reportagem, apesar de digitalizados, preservam características semelhantes das que possuem em outro tipo de meio, como o impresso. Apesar da velocidade com que a tecnologia computacional se desenvolve e modifica aspectos da linguagem, esses gêneros mantêm as suas características estilísticas, composicionais, bem como preservam o tema destes tipos de enunciados.

A internet não deslocou o caráter opinativo mais explícito dos artigos, ou mesmo o caráter informacional também explícito das reportagens. Entretanto, a internet potencializa, por meio de sua tecnologia, certos aspectos que podem ser explorados ou revelados no âmbito dos gêneros discursivos artigo e reportagem encontrados no *corpus*.

Nos diferentes anos escolhidos para análise, sobretudo em relação ao ano 2000, há diferença na maneira com que o *site* apresenta e elabora esses gêneros. No caso dos gêneros discursivos aqui analisados, o meio possui uma variável importante que diferencia o hipertexto digital dos demais e que o torna um elemento vital para a construção de sentido, o *link* eletrônico.

A tecnologia de armazenamento e produção de informações da internet é baseada na codificação de dígitos. Logo, entende-se por gênero digital, todo aquele que circula na internet enquanto espaço de comunicação, assim como postula Levy (1999), e apropria-se de recursos próprios desse meio, como o *link* eletrônico.

Primeiramente, os gêneros discursivos na internet assumiram as características dos gêneros impressos. Atualmente, os gêneros digitais vêm assimilando os recursos tecnológicos desta mídia. No entanto, apesar de fazerem aproveitamento diferente dos recursos da internet, principalmente dos *links* eletrônicos, os artigos e reportagens do *Com Ciência* parecem manter suas categorias constituintes, estilo, tema e forma composicional, da maneira com que elas ocorrem em enunciados da mídia impressa.

Sob o ponto de vista da forma composicional, o uso de *links* eletrônicos ocorre, com maior incidência, em reportagens que em artigos. Apesar do aumento do número de artigos nos anos 2002 e 2004 e, conseqüentemente, do número de links nestes, o aproveitamento deste recurso é bem maior nas reportagens.

Em relação ao estilo, foi visto que o artigo é um gênero mais propenso à expressão do estilo individual do autor e recorre a um registro mais informal. O conteúdo temático do artigo revela-se mais opinativo e passível de apresentar mais marcas de subjetividade.

Enquanto isso, as reportagens não são propícias ao estilo individual, apagando as marcas de subjetividade de seus enunciados. Contam com mais dados históricos e estatísticos para fundamentar os posicionamentos apresentados nos dossiês. Quanto ao conteúdo temático, a reportagem tende ao caráter mais informativo e objetivo.

Diante de tais considerações sobre os gêneros artigo e reportagem, pode se constatar que seus elementos constituintes estilo, forma composicional e conteúdo temático, mantêm as características encontradas em artigos e reportagens impressos no meio digital da internet. Pode-se considerar o uso do *link* eletrônico como uma novidade para a composição desses gêneros na internet, mas que não chega a gerar grandes mudanças para o estilo e o conteúdo temático dos mesmos.

Uma proposta de hipertextualidade

Os *links* eletrônicos encontrados no *corpus* foram selecionados e divididos em três níveis distintos de remissão. Considerando a hipótese de que os vários planos de remissão seriam relevantes para o estudo dos dados, a análise da pesquisa centrou-se em dois pontos. O primeiro buscou verificar a ocorrência de diferentes tipos de remissão em cada dossiê.

As relações semânticas hipertextuais estabelecidas pelos *links* são guiadas pelos gêneros em que operam e cumprem a função primordial da divulgação científica, aproximando o público de não-especialistas a temas relacionados à esfera científica.

Por meio da análise das remissões em diferentes gêneros, afirmamos que as relações dialógicas estabelecidas neste contexto são de ordem hipertextual, diferenciando-se das relações dialógicas intertextuais. A intertextualidade caracteriza-se pela colocação de fragmentos de texto no corpo de um enunciado, enquanto a hipertextualidade é marcada por um nó que aponta para fora do texto.

A observação das remissões dialógicas no hipertexto digital levou a uma redefinição da hipertextualidade como um modo dialógico distinto. Trata-se de uma instância de relações dialógicas explícita no enunciado, articulada pelo *link*, diferenciando-se da estrutura intertextual. Mais precisamente, o dialogismo estabelecido pelos *links* eletrônicos em hipertexto digital favorece o que chamamos de hipertextualidade.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail; Medevdev, P. (1928/1991), *The formal method in literary scholarship*, translated by Albert J. Wehrle, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press.
- (2003), “O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas”, *Estética da criação verbal*, trad. Paulo Bezerra, São Paulo, Martins Fontes (original russo: 1979).
- e Voloshinov (1929/2004), *Marxismo e filosofia da linguagem*, trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo, Hucitec.
- (1952-1953/2004), “The problem of speech genres”, *Speech genres & other late essays*, translated by Vern W. Mcgee, edited by Caryl Emmerson and Michael Holquist, Austin, University of Texas Press.

- (1977/2004), “The problem of the text”, *Speech genres & other late essays*, translated by Vern W. McGee, edited by Caryl Emmerson and Michael Holquist, Austin, University of Texas Press.
- Brait, Beth (org) (2005), *Bakhtin: conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- & Melo, Rosineide de (2005), “Enunciado / enunciado concreto / enunciação”, Brait, Beth (org), *Bakhtin: conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- (org.) (2006), *Bakhtin: outros conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- (2006), “Análise e teoria do discurso”, Brait, Beth (org), *Bakhtin: outros conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- Cereja, William (2005), “Significação e tema”, Brait, Beth (org), *Bakhtin: conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- Com Ciência* revista eletrônica, desenvolvido pelo Labjor da Unicamp [www.comciencia.br].
- Ferraz, Flávia (2007), “Gêneros da divulgação científica na internet”, dissertação de mestrado, São Paulo.
- Grillo, Sheila Vieira de Camargo (2006), “Esfera e campo”, Brait, Beth, *Bakhtin: outros conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- Lévy, Pierre (1999), *Cibercultura*, São Paulo, Ed. 34.
- Sobral, Adail (2005), “Filosofias (e filosofia) em Bakhtin”, Brait, Beth (org), *Bakhtin: conceitos-chave*, São Paulo, Contexto.
- Voloshinov (1929/1986), *Marxism and the Philosophy of language*, trad. Ladislav Matejka e I R. Titunik, The USA, The Harvard University Press.